

SABERES E SUSTENTABILIDADE NO MANGUEZAL DA SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA

Sérgio Cardoso de Moraes

Sociólogo, Mestre e Doutor em Educação. Docente e Pesquisador do Núcleo de Meio Ambiente da UFPA. Professor dos Programas de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFPA) e em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM/NUMA/UFPA)

Neila de Jesus Ribeiro Almeida

Bióloga, mestre em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local (PPGEDAM/NUMA/UFPA), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca ICB/UFPA

RESUMO: O artigo trata da relação entre ser humano e natureza, tendo como foco a Comunidade Vila Sorriso, situada a 7,5 km da sede do município de São Caetano de Odivelas no Estado do Pará. Objetiva identificar dentre os pescadores extrativistas do manguezal, seus saberes e práticas em relação ao uso do manguezal e os impactos no ecossistema local. O procedimento metodológico obedece três etapas, sendo a primeira o levantamento bibliográfico, a segunda uma abordagem da pesquisa de campo com entrevistas, observações dos modos de vida, a utilização do ecossistema de manguezal a partir dos conhecimentos locais e a terceira etapa a sistematização de todo conhecimento adquirido dos pescadores extrativistas. Identificamos três tipos de técnicas de captura: laço, tapagem e soco.

PALAVRAS-CHAVE: Conservação, Manguezal. Sustentabilidade.

ABSTRACT: The paper deals with the relationship between human and environment. It focuses on community of Vila Sorriso which is 7.5 km far from the centre of municipality of São Caetano de Odivelas, Para State. The paper aims to identify fishermen local knowledge and practices in mangrove exploitation and thus the local ecosystem impact in this use. The methodological process was carried out into three steps. First, it was done a bibliographical research. Second, it was carried out a fieldwork research using interviews and observations about fishermen livelihood and the mangrove ecosystem use taking into account the local knowledge. Third, the data collected from the fishermen was organised and systematised. We identified three types of capture techniques: *laço*, *tapagem* and *soco*.

KEYWORDS: Conservation, mangrove, sustainable

Introdução

A necessidade de repensar constantemente práticas que viabilizem a melhoria da qualidade de vida, com menor impacto possível no meio ambiente, buscando fixar o homem a seu espaço vivencial, é o pensamento mais coerente para a solução de alguns problemas ambientais.

Tendo a zona costeira como um dos biomas mais importantes, procura-se trabalhar seus ecossistemas que são fundamentais para a vida marinha e estuarina, sendo que nesta pesquisa dá-se enfoque a população que vive diretamente dos recursos naturais extraídos do manguezal e suas relações com este ecossistema.

Neste sentido o município de São Caetano de Odivelas pertencente ao estado do Pará foi escolhido, por estar situado na Costa Atlântica do Estado do Pará, na Mesorregião do Nordeste Paraense, Microrregião do salgado, distante da capital do Estado 93 km em linha reta e 120 km pela rodovia, possuindo uma área de 743km² com 16.891 habitantes (IBGE 2010). Parte em área de manguezal, segundo a legislação brasileira esta área é considerada Área de Preservação Permanente (APP), em que possui vários meios de proteção através de leis federais, estaduais e municipais. Além do acervo do ecossistema de manguezal o município também é conhecido como a Terra do caranguejo-Uçá.

Desta forma foi selecionada a comunidade Vila Sorriso por ser considerada na região uma das comunidades que depende diretamente da coleta de crustáceo, especificamente do *Ucides cordatus* L., conhecido como caranguejo-uçá. A população que trabalha na coleta do caranguejo, vinculada à Colônia de Pescadores Z-04 situada na sede do município, é chamada de Pescador (a) Extrativista do Manguezal. Os extrativistas entrevistados são identificados pelas suas iniciais a fim de preservar suas identidades.

São objetivos identificar a população que trabalha diretamente no ecossistema manguezal, conhecer os saberes, as práticas e os modos de uso deste ecossistema fazendo relação com as questões de conservação e sensibilização ecológica.

Conceitos e Definições

O litoral brasileiro apresenta a mais extensa área de ecossistema de manguezal do mundo, possuindo cerca de 25.000 km que se estende desde o Amapá até Santa Catarina de Norte a Sul do Brasil, sendo que a maior concentração está nos estados do Amapá, Pará e Maranhão. (UICN, 1983).

Segundo Vannucci (2002) o primeiro uso da palavra mangue que a autora pôde encontrar foi em uma carta de Lopo-Homem-Reineis, datada em 1519, na qual a o termo *manguez* (que era uma ortografia antiga do plural da palavra *mangue*) indicava uma área do “golfo dos Reyes”, hoje conhecido como Angra dos Reis, localizada a oeste e ao sul da cidade do Rio de Janeiro.

A palavra *mangle*, também foi usada neste mesmo ano pelos espanhóis. Já Segundo Oxford (1613 apud VANUCCI, 2002), fala que a palavra inglesa mangrove é derivado da palavra portuguesa *mangue* e do espanhol *mangle*. Analisar esses conceitos teóricos de referência e agregar conceitos como mangue, que em português, serve para designar as árvores, de diferentes espécies, dessa comunidade, sendo a palavra manguezal utilizada para designar o conjunto de árvores, ou seja, a comunidade em si, o ecossistema de mangues, tendo a origem da palavra *mangue* (ou *manguezal*) e sobre a origem da palavra *mangrove* em inglês.

O ecossistema de manguezal designa um ecossistema formado por uma associação muito especial de animais e plantas que vivem na faixa entremarés das costas tropicais baixas, ao longo de estuários, deltas, águas salobras interiores, lagoas e lagunas. Na figura referida, pode ser observado um ecossistema de manguezal pertencente ao município de São Caetano de Odivelas, com inúmeras espécies arbóreas, o que influencia na construção de um ecossistema com diversificadas espécies faunísticas, constituindo uma estabilidade entre os fatores bióticos e abióticos.

Procedimentos Metodológicos

Determinar como desenvolver as atividades para chegar aos resultados é fundamental para a execução das pesquisas, ou seja, qual o caminho a percorrer para um determinado fim. Seguindo este enfoque nos procedimentos metodológicos desta pesquisa foi necessário dividi-los em 3 (três) etapas, denominadas: 1ª. Fundamentação teórica, 2ª. Observação dos modos de extrativismo dos recursos naturais e 3ª. Sistematização dos conhecimentos locais para o fomento do uso sustentável em área de manguezal.

A primeira etapa iniciou com levantamento bibliográfico a partir de material já publicado sobre a essência deste trabalho levando em consideração os objetivos geral e específicos baseados nas práticas de conservação, preservação, impactos ambientais na zona costeira, problemática socioambiental e modos de vida das populações locais.

Esta etapa da fundamentação teórica foi utilizada até o final da pesquisa, pois a base teórica é fundamental para a sistematização de uma problemática e conseqüentemente uma possível proposta para a melhoria da qualidade de vida e proteção do ecossistema em estudo.

A partir da primeira etapa, tornou-se necessário o trabalho de campo, estudo de campo, pesquisa de campo, termos estes utilizados por antropólogos, para se contrapor aos trabalhos com técnicas comparativas de “gabinete” (BROW, 1980 apud HAGUETTE, 2005).

Assim como afirma Haguette (2005) para deixarem de lado as técnicas semelhantes na abordagem do real e especialmente no valor que alocarem à participação do pesquisador no local pesquisado, e a necessidade de ver o mundo através dos olhos do pesquisador.

A partir deste enfoque, fez-se necessário a segunda etapa denominada “observação dos modos de extrativismo dos recursos naturais”. Baseada nos objetivos específicos, esta etapa teve como foco principal a observação dos modos de vida, dos saberes e das práticas tradicionais utilizadas por estes pescadores extrativistas do manguezal, através de visitas à comunidade.

As visitas na Vila Sorriso foram feitas nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2010 e Junho, Agosto e Novembro de 2011, acompanhando os pescadores extrativistas até o manguezal, observando os horários de atividade, todas as maneiras de utilização do ecossistema e os modos de vida da população em questão, coletando de diversas maneiras toda informação possível para posteriormente analisá-las.

Nesta fase da pesquisa foram feitas entrevistas que segundo Haguette (2005) é o “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Assim como as aplicações de questionários na comunidade.

Desta forma, para Haguette (2005) esta técnica utilizada nesta fase é chamada de observação participante, pois

A observação participante não supõe nenhum instrumento específico para direcionar a observação, tal como um questionário ou um roteiro de entrevista, e, por esta razão, a responsabilidade e seu sucesso pesa quase que inteiramente sobre os ombros do observador salvo, obviamente, naqueles aspectos que são fontes de vieses e que emanam do exterior, ou seja, da própria situação da observação.

Segundo Mann (1970) “observação participante geralmente refere-se a uma situação onde o observador fica tão próximo quanto um membro do grupo que ele está estudando e participa das atividades normais deles”. Por isto nesta etapa foi utilizada a técnica da observação participante, onde há pouca interferência do pesquisador.

Foi levado em consideração o número de moradores total da comunidade e priorizados os pescadores extrativistas do manguezal nas questões de gênero, técnicas de captura, modos de vida, tipos de moradias, renda familiar e per capita, quantidade coletada diariamente e mensal do caranguejo-uçá e o preço unitário do crustáceo para análises e aplicações estatísticas voltadas para a conservação do ecossistema manguezal local.

Esta etapa foi de extrema necessidade para que a terceira etapa pudesse ser viabilizada, pois acreditava-se que primeiramente fosse necessário conhecer a população local a ser pesquisada, buscando certo grau de confiança para chegar à sistematização da pesquisa, que é o objetivo da 3ª etapa.

A 3ª etapa é denominada “Sistematização dos conhecimentos locais para o fomento do uso sustentável em área de manguezal”. Partindo do bioma zona costeira onde o manguezal em estudo está localizado, busca-se propor alternativas para a comunidade.

Em busca da gestão participativa, para o fomento do desenvolvimento local fixando a idéia de sustentabilidade a partir do que Barqueiro (1999), identifica pelo menos três dimensões para alcançar o desenvolvimento sustentável: uma econômica, a partir do sistema específico de produção, que permite aos empresários locais utilizar eficazmente os fatores produtivos; outra dimensão sociocultural, em que os atores econômicos e sociais se integram com as instituições locais, neste caso a colônia de pescadores Z-04, formando uma rede de relações que incorporam os valores da sociedade; e outra é a dimensão política, que é direcionada pelas iniciativas locais e que permite criar um entorno local que estimule o desenvolvimento local.

Nesta etapa através das entrevistas e dos resultados dos dados, busca-se um diálogo com a comunidade, em que os pescadores da Vila Sorriso participarão ativamente no processo de formação das ações, nas avaliações dos resultados e na formação de propostas visando a melhoria da qualidade de vida, fomentando a proteção, a conservação, o manejo dos recursos naturais do ecossistema de manguezal, minimizando os impactos socioambientais através de atitudes que solidifiquem uma gestão ambiental junto à colônia de pescadores Z-04, à qual os pescadores (as) extrativistas da Vila Sorriso pertencem.

Os pescadores extrativistas do manguezal da Vila Sorriso

Esta comunidade conta com uma população pesqueira extrativista do manguezal diversificada em relação à faixa etária. No total são 93 pescadores extrativistas com idade que varia entre 15 a 55 anos, sendo 52 do sexo masculino e 41 do sexo feminino, tendo a presença da mulher próxima a dos homens.

Estudos realizados na região do Salgado, pelas pesquisadoras Motta-Maués (1999), Cardoso (2000) e Maneschy (2005) ressaltam a invisibilidade do trabalho das mulheres na pesca. Apesar de não ser objetivo específico desta pesquisa, é importante ressaltar que o gráfico 4, apresenta um número significativo e a visibilidade das mulheres na captura do caranguejo-Uçá na Vila Sorriso.

Enquanto Cardoso (2000) resalta que em Guarajubal as mulheres trabalham na coleta de moluscos e crustáceos, e que esta atividade é pouco valorizada pelos pescadores locais que pescam em alto mar, por acreditarem que trabalho que vale é aquele feito em alto mar, na Vila Sorriso as mulheres que trabalham na coleta do crustáceo (caranguejo-uçá), são consideradas mulheres do “sexo forte”, pois participam com uma parcela considerável para a economia familiar.

Na Vila Sorriso existe domicílio em que a mulher é responsável pela única fonte de renda do lar. Como relata a pescadora extrativista L. S. de 36 anos: “Eu sou mãe, pai e tudo para os meus filhos depois de Deus, se eu não pegar o caranguejo, não tem como dar comida para meus filhos, e é capaz da gente morrer de fome porque eu não tenho de onde tirar, o mangal é tudo pra mim”

Segundo Maneschy (2005), em pesquisa de campo no município de São Caetano de Odivelas em 1990, verificou centenas de catadores de caranguejo moradores da sede do município, atuando nesta atividade extrativista. Já os das comunidades próximas, mesclavam a captura do caranguejo com agricultura e pesca em rios próximos.

Atualmente há comunidades que exercem inúmeras atividades, na Vila Sorriso, por exemplo, os pescadores extrativistas do manguezal, no período de defeso em que fica proibida a comercialização do caranguejo-Uçá, procuram outros meios de sobrevivência, ou seja, trabalham com outros recursos naturais, pois como essa categoria não é contemplada com o seguro defeso, precisam de algum dinheiro para pagar água encanada, energia elétrica e a colônia de pescadores.

No período do defeso do caranguejo-uçá, os pescadores extrativistas diversificarem as atividades. O homem caça, pesca ou atua na coleta de camarão para comercializar e a mulher continua na coleta do crustáceo apenas para subsistência. Já nas residências em que a mulher é a única responsável pelo sustento da família, no período de defeso, com a maré de morta ela trabalha na captura do caranguejo e vende por um valor muito baixo na própria comunidade e na maré de lance ela trabalha na pesca do camarão para comercializar, o preço do quilograma do camarão pode chegar à R\$ 20,00. Na Vila Sorriso, na categoria dos pescadores extrativistas do manguezal, não foi identificada mulheres que trabalham com peixes, penas com camarão e caranguejo-uçá.

O fato é que na Vila Sorriso as mulheres pescadoras utilizam o mesmo ecossistema que os homens e muitas delas capturam a mesma quantidade de caranguejo-uçá. Este fato leva as mulheres sorrienses a uma singularidade, pois de acordo com estudos realizados na sede do município, as mulheres estão inseridas mais nas atividades domésticas ou na pesca extrativista no período menos chuvoso, pois nesse período a técnica do laço é a mais utilizada na região e esta maneira de captura do caranguejo-Uçá não exige tanto esforço físico com a técnica do braço e a da tapagem também utilizada na região.

Isto leva à algumas reflexões em relação a essas particularidades de gênero na pesca amazônica, que como ressaltai não foi o foco de minha pesquisa, seja em pequenas atividades ou em larga escala da pesca, o que vale ressaltar é que a mulher cada vez mais busca seus direitos e seu lugar, sem se importar se o homem é mais forte ou mais fraco, se o homem já pesca há milhares de anos ou se o seu companheiro é da pesca e ela do peixe.

A mulher, em algumas comunidades, é a única responsável pelas finanças do domicílio, em que na Vila Sorriso, a particularidade dessa mulher, faz com que o seu nível econômico seja muito baixo, passando por muitas dificuldades financeiras, diferente daquelas que tem um companheiro que divide as atividades.

Os pescadores do manguezal da Vila Sorriso levam seus filhos para o manguezal desde seus primeiros anos de idade. É muito comum ver crianças e adolescentes no manguezal com seus familiares nos fins de semana e no verão. Nos fins de semana por não terem que ir para a escola, já que todas as crianças e

adolescentes filhos de extrativistas sorrienses estudam, e no verão pelo fato do substrato está bem resistente e facilitar as caminhadas pelo manguezal.

Há uma relação do saber e do saber fazer passado de geração a geração familiar, como retrata Diegues (2001), onde o saber fazer e o saber se dá a partir do mundo natural e sobrenatural, transmitidos oralmente de geração a geração, uma frase de Fletcher (1904) apud Lévi-Strauss (1976) se encaixa muito bem, nessa nova geração sorriense do manguezal. “Fomos ensinados a prestar atenção a tudo o que vemos.”

O conhecimento que os pescadores extrativistas sorrienses possuem acerca da pesca no manguezal, é adquirido através das atividades do dia a dia neste ecossistema que vai deste o momento da confecção dos laços, dos cofos, dos objetos para proteção como: luvas, braceiras, munhequeira, dedeiras, sapatilhas, perneiras, até a comercialização do crustáceo, como veremos a seguir.

As técnicas de captura

Técnica do Laço:

O laço como é chamado pelos pescadores extrativistas da Vila Sorriso, é uma prática tradicional passada de geração a geração aos catadores da comunidade, através da oralidade e principalmente pelas atividades do dia a dia. Nesta técnica é utiliza um pedaço de madeira atada por um fio de náilon medindo aproximadamente trinta centímetros.

A madeira utilizada para a confecção do laço é retirada do manguezal, mede trinta centímetros de comprimento e aproximadamente quatro centímetro de diâmetro (Figura 1), o fio de náilon tem o mesmo comprimento da madeira. O extrativista amarra a ponta do fio no meio da madeira e dá um nó na outra ponta, logo, envolve o nó da ponta no meio do fio, fazendo uma circunferência de aproximadamente vinte e quatro centímetros, esta circunferência tem o mesmo tamanho da entrada da galeria do caranguejo.

Figura 1 - Montando o laço



Fonte: Neila Almeida, 2011

O laço é confeccionado pelos pescadores extrativistas em suas residências, geralmente essa confecção é feita pelas mulheres por ser considerado um trabalho mais “leve”, enquanto os homens ficam responsáveis pela busca das folhas das palmeiras para a confecção dos cofos, há um tipo de troca: as mulheres fazem os laços e os homens apanham o material para a confecção de cofos. São confeccionados em torno de cento e cinquenta laços, para cada ida ao manguezal, essas unidades são armazenadas em sacos de polipropileno.

Muitos extrativistas preferem trabalhar na técnica do laço, por ser menos cansativo e principalmente por ser mais difícil de acontecer acidentes. Desta forma o laço tem que ser feito antes dos pescadores saírem para o manguezal, pois quando fazem o laço no mangue eles perdem muito tempo. A extrativista L. S. 36 anos, relata como confecciona o laço.

Pra mim fazer o laço é muito fácil, minha medida é meu corpo. Eu estico o fio da minha mão até meu cotovelo e pego um pau do mangue e corto um palmo e meio e já faço o laço, aí eu amarro o fio no meio da madeira, aí depois eu faço um laço, aí já está pronto para colocar.

No manguezal a madeira é fixada e o laço é armada na saída das tocas. Cada pescador extrativista coloca em torno de cem a cento e cinqüenta laços por ida ao manguezal, dependendo de sua resistência física.

De acordo com os extrativistas, essa quantidade de laço colocada, é suficiente para capturar a quantidade de caranguejo que precisam. Porém existe um grande competidor o *Procyun cancrivorus*, conhecido popularmente como guaxinim, é considerado pelos pescadores o segundo predador do caranguejo-uçá, só perde para o ser humano, daí seu nome científico *cancrivorus* (cancro=caranguejo; vorus=comedor). Como relata M. J. 40 anos, pescadora extrativista do manguezal.

Eu até podia colocar uns 50 laços, que já era o suficiente. Mas se eu colocar 50 laços o guaxinim come os 50, assim, eu tenho que colocar de 100 a 200 pra eu conseguir vender algum caranguejo. A gente vive com esse bicho no mangal, que acaba com todo o nosso trabalho, parece que ele só escolhe os melhores...

Logo após a colocação do laço, cada extrativista identifica seu espaço, sendo que cada espaço corresponde em torno de 40m², uns colocam apenas uma bola de sedimento, outros uma bola de sedimento e uma folha verde, outros com folhas amarelas, outros com duas folhas de cores diferentes e assim sucessivamente, sendo que as identificações não podem ser iguais. Vale ressaltar que cada pescador faz apenas uma identificação do seu espaço, localizada em um lugar estratégico para a localização dos laços, pois os laços só são retirados depois de vinte e quatro horas.

Técnica da Tapagem:

A técnica da tapagem é chamada dessa maneira, porque no momento em que o pescador extrativista chega ao manguezal procura identificar a toca do caranguejo e logo em seguida tapa, fechando a saída do crustáceo. Esta técnica exige do extrativista bastante esforço físico, sendo mais realizada por homens com idade que varia de 18 a 45 anos de idade. Porém, na época de chuva em que a técnica do laço fica difícil de ser exercida, a técnica da tapagem é muito utilizada, tanto pelo sexo masculino quanto pelo feminino, mas a produção cai bastante, pelas condições físicas do ecossistema.

Nesta prática são utilizados apetrechos para a proteção dos pés, o “sapato” , a perneira também compõe os apetrechos de proteção, um tipo de bota que calça dos pés até os joelhos feito de tecido de algodão. Isto serve como proteção para os pés, pois a tapagem resume-se em movimentos repetitivos de “jogar” sedimento com os pés para fechar a saída das galeria do caranguejo-Uçá (Figura 2).

Esta técnica pode ser praticada tanto nos períodos de seca como nos períodos mais chuvosos, como relata a extrativista sorriense M. J., 44 anos.

O tapa pra mim é um dos mais fácil, porque eu tapo com o pé e depois tenho certeza que o caranguejo está bem na boca do buraco, aí eu não preciso ficar procurando ele lá dentro do buraco, assim é mais rápido, mas só tem um problema, no tapa a gente não sabe se é macho ou fêmea que está lá, aí a gente tapa, é uma pena quando é uma condessa, pois muitas vezes ela está até ovada aí a gente acaba perdendo muitos caranguejos que iam sair dali.

Figura 2 - Técnica da tapagem



Fonte: Neila Almeida, 2011

É importante ressaltar que as galerias têm a entrada principal e um tipo de entrada secundária, um pouco menor que a entrada principal, chamada de suspiro, esse suspiro também tem que ser tapado, caso contrário o caranguejo sai por esse orifício.

O objetivo de tapar a galeria do caranguejo-uçá, resume-se na falta de ar do crustáceo na toca, fazendo o mesmo vir até a superfície e ser capturado pelos extrativistas.

Essa técnica é feita assim que os pescadores chegam ao manguezal e se distribuem cada um para seu espaço, na medida em que vão encontrando as tocas vão praticando o tapa, no período de uma à duas horas, os extrativistas voltam para a origem da atividade e capturam o caranguejo que está na superfície da toca para ser feito a despesca e colocado na cofo.

Técnica do soco”, “braço” ou “muque”

Esta técnica é mais praticada nos períodos chuvosos, pois necessita-se de um sedimento mais “macio” para uma captura de sucesso. É usada a “braceira”, um tipo de luva colocada em uma das mãos em que estende-se até o ombro, também para complementar este apetrecho nesta técnica, utiliza-se a “munhequeira” que é uma luva que protege apenas as mãos que vai dos dedos até o pulso. Os extrativistas também utilizam as dedeiras, tipo de proteção para os dedos, que complementa a braceira e a munhequeira na técnica do muque.

Os pescadores não dispensam os apetrechos de proteção para a prática do extrativismo, pois reconhecem que a técnica do soco é uma das mais difíceis de ser praticada, acontecem muitos acidentes, como grandes cortes feitos pelo caranguejo-Uçá em um pescador distraído, mas também reconhecem que para um extrativista com muita habilidade esta técnica é mais eficiente. Como diz I. G., 40 anos, pescador do manguezal.

Eu praticamente só tiro no braço, porque desse jeito eu vou no manguezal até três vezes ao dia, vou tiro 100 e venho deixar em casa; depois volto de novo e tiro mais 100, porque é muito rápido, e se eu tivesse um meio de transporte pra trazer pra cá, eu acho que eu ia tirar até 500 por dia.

Esta prática como o nome já diz é caracterizada por um soco no substrato pra furá-lo e conseqüentemente é feita a introdução de uma das mãos até o alcance do crustáceo que fica aproximadamente há meio metro da superfície.

No momento em que o braço é introduzido por inteiro na toca, fica procurando o caranguejo até encontrá-lo e conseguir um jeito de agarrá-lo na profundidade de sua toca sem machucá-lo. Pois vale ressaltar que o caranguejo só é comercializado se estiver vivo.

Esta é uma técnica que requer muita habilidade, pois é raro entrevistar um pescador extrativista que nunca sofreu algum tipo de acidente no momento de capturar o caranguejo-Uçá.

Figura 3 - Introduzindo o braço na galeria.



Fonte: Neila Almeida, 2011

Os extrativistas sorrienses, admitem que a técnica do muque é a menos invasiva para o ecossistema, pois muitos que utilizam a técnica do laço não estão sensíveis a questão da captura da fêmea e nem do tamanho do crustáceo e quando o caranguejo capturado no laço não está dentro do padrão da comercialização ele acaba morrendo no laço, como explanado pela extrativista V.S.

A gente sabe que o braço é o melhor jeito de pegar o caranguejo porque se pegar condessa a gente solta ela bem viva e se pegar um pequeno, solta também, só que demora mais e se a gente demorar muito, a maré enche e também tem gente que não quer nem saber, vai deixando tudo; eu já vi condessa ovada presa no laço...é o laço não é bom...mas o muque é muito difícil, eu demoro muito pra pegar no muque, se eu pegar 10 caranguejo no laço, no muque eu só peo 5, dói muito a minha costa. Aí eu lhe pergunto: O que a gente vai ganhar? Se o atravessador quer pagar só vinte e cinco ou trinta centavos em cada caranguejo, mas quando não dá no laço ou no tapa, vai no braço mesmo.

São poucos os extrativistas que só trabalham na técnica do braço, geralmente eles utilizam a técnica do laço no período de sol, e a técnica do braço e tapagem no período chuvoso, pois na época de chupa o sedimento do manguezal está mais permeável.

Existem extrativistas com sérios problemas de saúde, ocasionadas por longas horas no manguezal, principalmente com dores na coluna, e eles alegam que quando praticam a técnica da tapagem e do braço, as dores só aumentam. Por este motivam optam pela técnica do laço no verão, mas no inverno são obrigados a praticarem o muque ou a tapagem, pois não têm alternativas para a sobrevivência.

Sabendo que grande parte da população brasileira vive numa distância entre 60 e 100 km do Oceano Atlântico. No município de São Caetano de Odivelas não é diferente, isto significa que o rio estuarino Mojuim tem influência direta com a zona costeira, e a população local, extrai os recursos naturais diretamente na costa local abrangendo o ecossistema de manguezal como um todo.

Neste sentido a importância dos Planos Nacional de ordenamento territorial, ecológico, econômico para se constituir como um instrumento de ajuste do processo de ordenamento territorial fomentando as

condições de sustentabilidade ambiental pautado no desenvolvimento da Zona Costeira, com base no Zoneamento Ecológico-Econômico do território nacional, se bem aplicado.

O zoneamento costeiro iniciou no município de São Caetano de Odivelas em Agosto de 2010, junto a Colônia de Pescadores locais tendo como atores os filiados à colônia, ou seja, pescadores da categoria artesanal e pescadores extrativistas do manguezal. Sendo que os pescadores extrativistas da Vila Sorriso tiveram grande participação no levantamento de dados para o zoneamento costeiro, explanando seus saberes, suas práticas e todos seus conhecimentos tradicionais.

Porém, o que esses pescadores extrativistas do manguezal esperam desse zoneamento, são estratégias de melhoria da qualidade de vida. O conhecimento empírico da população local pode ajudar no desenvolvimento das regiões de manguezal e conseqüentemente no desenvolvimento sustentável dos ecossistemas costeiros, porém esta utilização sustentada dos recursos naturais requer planejamento estratégico, onde a população local deve estar inserida.

Desta forma os saberes, as práticas, os modos de vida dos sorriense extrativistas tem que de alguma forma ocasionar no fomentando do desenvolvimento sustentável local.

Através da sistematização de seus conhecimentos apresentamos um calendário das fases da lua relacionados com as técnicas utilizadas pelos extrativistas:

FASES DA LUA				
	Cheia	Quarto Crescente	Nova	Quarto Minguante
TÉCNICAS MAIS UTILIZADAS	<i>Braço e Tapagem</i>	<i>Laço e Braço</i>	<i>Braço e Tapagem</i>	<i>Laço e Braço</i>

Fonte: Organizado por Neila Almeida, 2011.

Os pescadores extrativistas da Vila Sorriso encontram muitas dificuldades, pela falta de incentivo das autoridades do município em proporcionar-lhes uma estrutura e orientação para o controle do uso do ecossistema de manguezal.

Esses extrativistas esperam que a colônia de pescadores local, na qual são filiados, ajudem no desenvolvimento da comunidade, pois pagando a colônia mensalmente eles acreditam que quando precisarem de algum benefício, irão ter por essa organização social.

Considerações Finais

É inquestionável a esperança que eles têm em receber o seguro defeso, sempre associando na melhoria da qualidade de vida. Tudo o que a colônia solicita sobre o cadastro eles estão prontamente colaborando, porém apenas na esperança de mudança e beneficiamento, pois acreditam que esse sonho está próximo de realização com a alteração da Lei nº 10.779/2003 que insere o catador de caranguejo junto ao pescador artesanal para receber o seguro defeso. Assim como a proposta do Projeto de Lei nº 1.186/2007, que garante o beneficiamento dos extrativistas, até o momento já foi aprovado pela comissão de Agricultura e Reforma Agrária e também já seguiu para a comissão de Assuntos Sociais, no Senado.

A colônia espera mais atitude e presença da categoria nas reuniões, pois os extrativistas do manguezal ainda são a minoria, comparados aos pescadores artesanais. O que ainda é muito questionado pelos extrativistas do manguezal é o preço mensal de R\$ 7,00 para a colônia, pois esse valor para um pescador artesanal não faz diferença, mas para o extrativista é quase um dia todo de trabalho. Comparando o preço do pescado com o do caranguejo-Uçá.

Ainda há muito para aprender sobre as populações do manguezal e suas relações com este meio, para que seus conhecimentos tradicionais, possam ser considerados em atitudes para que futuras gerações possam ter acesso nas riquezas que os diversificados ecossistemas apresentam.

REFERÊNCIAS

- BARQUEIRO, A.V. *Desarrollo, redes e innovación: lecciones sobre desarrollo endógeno*. Madrid: Ediciones Pirâmide, 1999.
- CARDOSO, Denise. *Mulheres catadoras: uma abordagem antropológica sobre a produção de massa de caranguejo - Guarajubal/Pará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pará: Belém: UFPA, 1992. 47p.
- DIEGUES, A. C. *Ecologia Humana e Planejamento Costeiro*. 2ª.ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em áreas úmidas Brasileira, USP, 2001.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, Ed. 10ª, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento Selvagem*. Tradução Maria Celeste da Costa e Souza; Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- MANESCHY, M. C. *A arte do pescador artesanal*. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia, Belém, v. 6, n. 1, p. 95-105, 1990.
- _____. *A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia. Belém, 1995.
- MANN, Peter H. *Métodos de Investigação Sociológica*. Tradução: Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1970.
- MOTTA-MAÚES, Maria Angélica. *Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil*. *Etnográfica*, vol. III, n. 2, p. 377-399, 1999. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-399.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2011.
- UICN. *Global status of mangrove ecosystems*. Gland, 1993.
- VANNUCCI, Marta. *Os Manguezais e Nós: Uma síntese de Percepções; Versão em Português* Denise Navas-Pereira- 2. Ed. Revista ampliada- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.